

Regenerador Liberal

SEMANARIO MONARCHICO

ASSIGNATURA

Em Ovar (anno) 15000 reis
Com estampilha (anno) 15200 reis
Para fóra do reino accresce o porte do correio.
Anunciam-se obras litterarias remetendo-se dois exemplares
Redacção e Administração—R. da Graça, OVAR

Director e Proprietario

AMADEU PEIXOTO PINTO LEITE

Composição e impressão—Typ. do OVARENSE
—* Rua da Graça—OVAR *

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal, a 60 reis a linha, largura d'uma columna
Anuncios e communicados, 50 reis; repetições 25 reis
Anuncios permanentes, contracto especial
Os srs. assignantes teem o abatimento de 25 por cento
Preço de cada jornal avulso 20 reis

Barril do lixo

Aquillo que ante-hontem n'este lugar escrevemos acerca da extranha attitude dos jornaes republicanos em face do malogrado, mas significativo attentado na igreja de S. Luiz, é uma nova circumstancia que a muitas outras se vem juntar, para dar idéa da desorientação, do desvairamento, da total ausencia de principios, de que enferma o nosso intitulado partido republicano, que na verdade perdeu de ha muito, se alguma vez o teve, o caracter de uma aggremação com certo e determinado objectivo politico, procurando por certos e determinados processos, politicos tambem, para se transmudar n'uma horda boçal e feroz de agitadores e desordeiros, que nada quer e a nada aspira definitivamente, excepto a promover, instigar e auxiliar *chinfins* de qualquer natureza, tudo quanto mais ou menos possa representar uma perturbação da ordem publica e da harmonia social, desde o *banzê* do Bairro Alto, com facadas de rufões e morras á policia, até aos assassinatos da especie do regicidio e aos attentados mais declaradamente acratas, como aquelle que ha dois dias se intentou effectuar.

Em resumo, o chamado «partido republicano», tal como elle ao menos actualmente se offerece á mais superficial e desapaixenada observação, outra coisa não é senão o *barril do lixo* de todas as opiniões e crenças, ainda as mais antagonicas e de todas as podridões e miserias sociaes, ainda as mais repugnantes, não podendo do conjuncto sahir outra coisa que não seja esta emanação venenosa, que de ha tempo vem pertinaz e progressivamente corrompendo toda a organização da nossa sociedade.

Que lhes importa quem é, d'onde vem e o que pretende todo aquelle que apparece infringindo por qualquer modo a lei e a ordem, desde os simples regulamentos de policia até aos principios que mais fundamentalmente podem garantir a paz publica e a harmonia social?

Se se tratar de um attentado commettido seja onde fór e revestido embora de todos os caracteristicos de um crime *libertario*, isto é, de um crime contra todo o modo-de-ser social que pôde tornar possivel o governo, ou elle seja de monarchia ou de republica—já se sabe que no dia seguinte, é nos jornaes republicanos que devemos procurar, senão na fórmula pelo menos de facto, a defesa mais ou menos calorosa (conforme os perigos inherentes) mais ou menos declarada, do acto e dos seus auctores, como se aquelle e estes rigorosamente se contivessem dentro dos mais orthodoxos principios da doutrina republicana...

Se é um socialista quem fala e defende, naturalmente, o seu credo particular, o qual essencialmente implica a remodelação de todo o actual systema economico e a instituição de uma sociedade radicalmente antagonica, a

nosso ver, da sociedade anarchista—escusam de ir mais longe, é na imprensa republicana que elle encontra o apoio e os *amens*, com tanto entusiasmo e convicção, como se os republicanos não quizessem outra coisa, senão o aniquilamento completo da sociedade burgueza e a radical abolição da propriedade individual.

E' um atheu que clama contra os deuses e as religiões, e quer enforçar o ultimo rei nas tripas do ultimo padre? Pois venha o atheu, que os republicanos outra coisa não querem igualmente, e a destruição do «preconceito religioso» é o primeiro cuidado dos «espiritosa vançados» do largo de S. Carlos... Mas ao contrario, é um catholico nephelibata ancioso de reclame e de evidencia, que entende encontrar nos processos dos republicanos a mais perfeita realisação da doutrina christã? Pois então venha elle, que não ha quem mais respeite o «doce Nazareno, os bons padres e os levitas liberaes», do que é o partido republicano...

Trata-se, por exemplo, de um anti-militarista, para o qual os exercitos são o inimigo, o mais terrivel flagello da humanidade? Oh! mas o exercito é exactamente o objecto dos mais *nobres odios* dos republicanos, que não dormem nem descançam, emquanto na superficie da terra houver uma farda e não estiver transformado em charrua o ferro da ultima espada! Surge, porém, um militarista acerrimo, defendendo as glorias guerreiras e pregando a forte organização das corporações armadas, como elemento essencial da autonomia das nações? Ora essa! mas qual regimen, senão o republicano, é capaz de fazer forte e glorioso o seu exercito, um exercito sui generis, em que cada soldado disporá de si e a si mesmo commandará, obedecendo só depois de madura reflexão e d'uma substanciosa discussão intima, ás ordens dos seus superiores?

Arma-se na Mouraria uma desordem, veem os fadistas para a rua, é agredida a policia e alguns dos inoffensivos cidadãos soffre na sua cutis preciosa a mais ligeira beliscadura? Já sabem quem os defende: procurem na manhã seguinte o «Seculo» ou o «Mundo», por exemplo, e lá hão de ver em grandes letras as diatribes contra a arbitrariedade, contra a brutalidade, contra a violencia policial e o elogio dos cidadãos rufões, cujo animo liberal se acendeu na vespéra á noite, em revolta contra a insupportavel tyrannia do poder.

Faz-se uma rusga aos faquistas que infestam as viellas da cidade e tornam a sua travessia tão perigosa como a de uma estrada da Calabria ou de um bairro de *apaches* parisienses? Pois esperem-lhe pela volta, que no dia seguinte os *orgãos da revolução* veem espirrando fogo contra tão clamorosos attentados á «liberdade individual», não faltando uma longa lista de «honestos artistas» ou de «laboriosos operarios», encontrados por mero acaso de madrugada, com a naifa no bolso, nas tabernas de Alfama ou dos Terramotos.

E depois de tudo isto e por tudo isto é que esses jornaes declaram e deve ficar entendido que são—republicanos.

Aggregado sem auctoridade propria e sem prestigio, sem a educação civica e sem a probidade politica d'onde pôde nascer a intransigencia de principios e a f rça de recusar certas camaradagens e certas adhesões, essa facção vive do que pôde mendigar em todos os campos, em todas as doutrinas e entre toda a especie de gente e não ha farrapo de crença, talo de couve, osso esbrugado, ferro velho e répa de cabelo que não lhe sirva, para formar o todo que se intitula «partido republicano», como poderia adoptar outra etiqueta igualmente mais ou menos de capricho.

A existencia d'este fóco d'infeção no nosso meio social explica muita coisa, explica sobretudo, na sua maxima parte, o estado de anarchia semimansa em que nos encontramos e o de anarchia brava para que vamos, parece que irremediavelmente, a caminhar.

Perante a successão de certos factos, mais ou menos importantes, mais ou menos conhecidos, que no paiz se veem succedendo desde ha tempos, os homens incumbidos da direcção e defesa da sociedade, não podem deixar de ter em attenção este fautor de dissolvencia.

Jayme de Magalhães Lima

Os nossos distinctos collegas aveirenses: «Vitalidade» e «Beira-Mar» de 15 do corrente, fóram todos dedicados a festejar o anniversario natalicio d'essa nobre figura que é motivo de eterno desvanecimento para a terra onde nasceu e se chama Jayme de Magalhães Lima.

Pennas muito distinctas, na maior parte d'amigos intimos, do suavissimo escriptor das bellas paginas «Na Paz do Senhor», «Sonho de Perfeição», «Vozes do meu lar» e tantas outras d'um grato colorido que encanta e empregnadas d'uma philosophia que conforta e consola, ali lhe rendem a mais sentida e justa homenagem.

A ella nos associamos com o mais vivo entusiasmo e admiração, transcrevendo com a devida venia e perfihando as curtas, mas conceituosas palavras, com que o sr. Alexandre Ferreira da Cunha e Souza se refere aos altos quilates da sua bondade e caracter:

«Verdadeiramente irreprehensivel nas acções da sua vida, finamente correcto nos relevos do seu caracter e nos rasgos do seu cavalheirismo, crença e caritativo, olvidando commodidades proprias e comparilhando desgraças alheias, o

dr. Jayme de Magalhães Lima, que é uma adorada gloria d'esta cidade, conseguiu em vida uma coisa difficilima: não ter um unico inimigo.

N'esta phrase está dito tudo quanto poderia dizer-se; não encontro outra que tanto o enalteça!»

O sr. Jayme de Magalhães Lima completou 50 annos. Que outros tantos se lhes venham juntar ainda n'uma larga vida de prosperidades e ventura.

Ao «Jornal d'Ovar»

Não sabemos que interesse possa ter o «Jornal» em embrulhar uma questão tão simples, quando nos parece que só o contrario seria proprio d'uma consciencia intemerata.

Custou-lhe responder ao que lhe perguntavamos no numero anterior sobre a *questão da cera*, quando o poderia fazer com meia pennada de tinta e alargou-se por longos paragraphos em mais espalhafatosos e azedos considerandos, malbaratando tempo e tinta! Porquê sacrificio tamanho? e escusado?

Os quesitos com que tanto embirrou nem ao menos eram mais de dois!

Pois uma resposta satisfatoria a essas duas simplissimas perguntas atiraria por terra as oito columnas macissas em que se especa um *boato*, bastando só por si para tirar todo o caracter de campanha justa e leal a essa que o «Jornal» move contra a associação de Sales.

Assim correrá e bem da sua importante saude o *diz-se* a que o «Jornal» devia, para honra sua, cortar as azas. Quer assim? Seja.

Em virtude do «Jornal» mostrar que apenas visa a ladear a questão, não tendo coragem de lhe dirigir ao peito, que a descoberto lhe puzemos, a estocada de misericordia, a nossa resposta ao seu bello artigo, onde se descobrem *pêgadas de mãos desconhecidas*, devia limitar-se a isto: «responda ao que lhe perguntámos e depois conversaremos.»

Não ficaremos, porém, só por aqui, por nos parecer neccessario desfazer aleivosias, com que o «Jornal» pretende attingir-nos.

Ora vamos lá.

Diz o «Jornal» que nós nos collocámos por de traz do que corre para o calumniarmos.

Isto é duro d'ouvir!
Mas, como poderemos nós calumniar, citando apenas o que se diz por ahí?

Nunca na sua vida fez o mesmo o «Jornal»?

Fez com certeza. E por esse facto poderá alguém, que tenha o miolo todo, afirmar que o «Jornal» calumniou?

O muito que o «Jornal» no nosso caso poderia dizer é que nós nos aproveitamos d'um boato falso... mas primeiro devia demonstrar que elle o era.

Não é, pois, verídico o «Jornal» quando diz que nós, por citarmos um boato, o caluniamos.

Ainda se poderia admitir sem grande favor, que tal dissesse, se nós o forjássemos.

Mas não comettemos semelhante baixesa, como provamos já, citando a confissão do proprio «Jornal».

Fique bem entendido isto para que o «Jornal» não volte a repetir que «diffamamos sem provas»; «que imputamos caluniosamente a outrem a pratica de acções menos dignas sem provas a que nos possamos arrimar». Citamos apenas o que se diz.

Sim, fique bem assente, e entendido d'uma vez para sempre pelo «Jornal».

E não tornará mais a afirmar que nós «atiramos a pedra e escondemos a mão.» E' mesmo coisa que não sabemos fazer. Tanto que o nosso ataque tem sido sempre de frente e as nossas armas da maior lealdade. Não fizemos nunca valer mais do que elles o pedem, aos nossos argumentos. O «Jornal» bem o sabe e o publico que nos lê o tem visto.

Tem sido assim para com-nosco o «Jornal»?

Não, infelizmente...

Acha-nos o «Jornal» pouca resistencia.

E' facto: somos um tudo-nada molles. Tambem para o caso pouco importa. São os nossos argumentos de mais dura tempera que os... colmilhos do «Jornal»?

E' o bastante e com isso nos contentamos.

E para desviar suspeitas que correm, insinua o «Jornal» que talvez nós, como frequentadores de sachristia, é que nos tenhamos abotoado com... ceras.

Não sabemos se isso será possível aos taes habitués, mas o articulista do «Jornal» como frequentador mais antigo, lá sabe. Nós não vimos...

Termina o «Jornal» por nos outorgar o papel de centurião... arrependido.

Com o maximo prazer—repetimos—aqui declararemos que o «Jornal» vere innocens est na

questão... da cera, se elle nos provar que é falso o boato de que nos temos feito echo.

Se quizer limite-se a responder á questão, deixando-se de gestos e espalhafatos e então talvez o centurião... venha ao conhecimento de que effectivamente dos tres crucificados o «Jornal» representa o do meio.

No final do nosso artigo ultimo, declaravamos nós que havíamos de dizer, n'esta questão, a verdade tal qual a tínhamos na consciencia, doesse a quem doesse, embora nos fôssem accusar ao bispo.

O «Jornal» promete que pela sua parte nos não accusará, sejam quaes forem as verdades que dissermos.

Archivamos, e já estamos mais tranquillos.

Bien merci.

Em poucas palavras

Ainda Ferrer

E' ainda assumpto de arregalar o olho para o jornalismo... vermelhao e furta-côres o fusilamento d'esse feroz inimigo da sociedade, do qual o «Jornal Popular» conta o seguinte:

«Foi pouco antes do casamento de Affonso XIII. O rei de Hespanha, acompanhado de Maura, fôra a Barcelona. Um anarchista assalta a carruagem de Maura e crava-lhe um punhal no peito; por felicidade o ferimento tinha sido leve.

Então Ferrer lamentando o insuccesso do attentado, escrevia: «Hoje, digo-o bem alto, o meu desejo é desencadear uma revolução; queremos destruir a sociedade actual até aos seus fundamentos; por agora contentamo-nos em introduzir nos cerebros ideias de demolição; mais tarde se verá o que convirá fazer.

Contra os gendarmes e contra a tortura o unico remedio é o veneno.

O imprevidente Artal (o individuo que tentou assassinar Maura), NÃO ENVENENANDO A SUA ARMA, tornou o seu sacrificio inutil; que todos aquelles que no futuro intentem o seu acto tenham o cuidado de envenenar os seus punhaes e as suas bombas.»

Merece as sympathias das almas nobres e boas um homem que d'este modo incita ao crime?

Ah! mas Ferrer era um homem e um santo, dizem os republicanos e companhia!

Dos jornaes vareiros' o que mais salvou á morte de Ferrer foi a «Patria».

Na 1.^a pagina... parecia o velho da praia do Restello! com aspecto... de rapaz da rua atirando pedras e chufas a quem passa.

Depois nas seguintes eram soluços d'assolavancar o peito até lhe desconjuntar as arcas e lagrimas de punho inchado.

Ainda tentamos em vão, ver-se por sob tanta rama de cypreste, chorão e avenca, que a «Patria» ás braçadas atirava sobre o tumulo de Ferrer, lobrigavamos a historia do... «Caçador Simão.»

Nem signal! E' uma historia alegre que á «Patria» approve estampar dias depois do assassinato do rei D. Carlos e seu innocente filho. E a humanitaria «Patria» vinha pallida e abatida de tristeza com a justiça usada para com Ferrer, tão pallida e

triste, como rosada e alegre com o nefando assassinato, n'uma emboscada, do rei e principe de Portugal.

«A Discussão» tambem disse alguma côisinha... que foi buscar ao Popular».

Comparou Ferrer com Christo em tudo. Até no nascento!

Só o que Ferrer não teve foi a adoração dos Magos, e uma ou outra semelhança muito secundaria, como, por exemplo, curar os enfermos, dar vista aos cegos e vida aos mortos, nem resuscitar ao terceiro dia.

Mas isto ainda se explica bem com a diferença dos tempos, pois devemos ter em vista que Ferrer foi anarchista no seculo XX e Christo foi-o, na opinião da «Discussão», ao alvorecer do II!

No mais foi outro Christo!

Isto afirma-o a «Discussão» fazendo-se echo do «Popular».

Ora o «Popular», dando guarida ao artigo que a «Discussão» transcreve, foi, pelo visto, logrado na sua bôa fé, pois não concorda com as ideias n'elle expendidas, como vamos ver. Diz assim o «Diario Popular»:

«O nosso illustre collaborador Antony, que é o pseudonymo com que o sr. Alfredo Gallis assigna os seus escriptos, publicou hontem no nosso jornal um artigo philosophico em que se faz o parallelo entre Christo e Ferrer.

Comquanto esse artigo seja da exclusiva responsabilidade do seu auctor, cumpre-nos declarar que elle não manifesta as ideias d'esta redacção.

Isto para evitar equívocos.

Em nossa opinião, Ferrer não merece tão elevada canonisação, nem como chefe de familia, nem como defensor de ideias anarchistas, que sempre combatemos e havemos de combater.

A pessoa de Ferrer merece-nos apenas o sentimento de piedade que temos por todos os condemnados á morte. Nada mais. Consideramos um erro politico o não lhe ter o governo hespanhol commutado a pena, mas isso nada tem nem com a legalidade d'ella, visto que está nas leis hespanholas, nem com a natureza do crime por elle commettido.

Pôde dizer-se que não fica bem a um jornal de governo e de ordem publica, embora por conta e responsabilidade alheia, artigos que ferem as crenças catholicas e a segurança social, mas deixemos este ponto entregue ao fino criterio do nosso scintillante collaborador.»

Isto que o «Popular» viu depois de publicado o artigo de Antony não o viu a «Discussão»; e apesar de ser orgão d'um partido, pugnar pela ordem contra a anarchia e ser... catholica, dá guarida e perfilha nas suas columnas semelhantes ideias!

Seria escorregadella (errare humanum est) ou desejo... de acompanhar a «Patria?»

Echos de Vallega

Descriptos os lamentaveis e perniciosos effeitos da falta de Fé e, ainda que indirectamente, as vantagens e excellencias d'esta virtude tão sublime, vou agora pôr remate á questão, que trouxe a lume as considerações já expostas em dois artigos consecutivos.

No primeiro d'esses dois artigos annunciiei ao leitor que «me encontrava n'uma bella e aprasivel tarde de

janeiro a ler alguns periodos ensossos d'un jornaleco ovaense, que pelo nome não perca (mais tarde talvez o direi.)

Esse «mais tarde» chegou e esse «talvez» vae converter-se em certeza: Ah! vae. Era (e é) a... «Patria!»

Nome symbolico e sugestivo.

Palavra, que concretisa em si um sem-numero de coisas que nos são caras e nos incute n'alma ardor e força para expormos o peito ás balas em sua defesa. Esse nome, porém, tão sugestivo; essa palavra tão pequena, e que diz tanto, foi profanada por um jornaleco vareiro, frequentador habituê das alfurjas da maçonaria e enragê inscripto nos cadernos da choldra republicana, toda empenhada em deitar por terra a nossa mãe commum.

Filhos desnaturados, que teem a descaravel ousadia de exarar na sua bandeira papoulenta o nome augusto de sua mãe para assim, illudindo mais facilmente o encanto leitor, poderem com mais exito ferir com suas settas hervadas o coração d'aquella, que os sustenta e os acolhe, embora immedicadamente, á sua sombra benefica.

Foi, pois, a «Patria», gazata ovaense que, arrogando-se fôros de theologa e segura da sua muita... sabença em materia, que lhe é por inteiro desconhecida, arremetteu furiosamente (e em artigo de fundo!) contra a infallibilidade da Igreja Catholica.

Era n'este delicioso assumpto, (!) apresentado n'uma prosa ainda mais deliciosa, (!) que me entretinha, quando fui abordado por alguém, que me atirou á queima-roupa aquelles reparos, expostos no n.º 3 d'este jornal, e que são tão elogiosos para o jornal, «A Patria».

Que um Lutero, arrastado pelo seu desmedido orgulho, ferido pela preterição na publicação de certas indulgencias, se insurgisse contra o Vigario de Jesus-Christo na terra, arvorando-se em Reformador com a theoria do Livre-Exame, vá; custa comprehender, mas explica-se. Era homem instruido, vivendo até aos 35 annos no jejum, na mortificação e no estudo, como elle-mesmo confessa nas suas obras e nol-o assegura, com outros auctores, o contemporaneo e insuspeito Erasmo de Rotterdam na sua carta ao cardeal Ebrouceuse.

Que Henrique VIII, dominado pela sua lascivia, rompesse as suas relações com a S. Sé por esta lhe recusar a dispensa para contrahir matrimonio com Anna Bolena, não obstante ter ainda viva a primeira mulher e estar quasi certo de que Anna Bolena era sua filha, conforme o prova o dr. Baytey, vá; não se comprehende, mas explica-se. Era rei de Inglaterra, senhor dos seus dominios e direitos; homem instruido, tendo escripto varias obras contra a Reforma e em defeza da Religião Catholica, a ponto de merecer do Papa o titulo de Defensor da Fé. Cego pela sua paixão, não viu a impossibilidade da sua impetração e, julgando-se despeitado, rebellou-se contra o Papa.

Que Carlostadio, que Theodoro Beza, Martinho Bucère e Crammer fizessem outro tanto, vá; ainda se explica pelo exemplo dos mestres e pelas circunstancias favoraveis de então; mas que um jornaleco vareiro, que passaria imperceptivel entre tantos que ahí pullulam, como cogumellos em monturo, se não fossem as suas magnas ac muitas asneiras, avançasse contra esse edificio, dezenove vezes secular, construido sobre a rocha inabalavel da verdade e cimentado com o sangue divino, dimanado do Golgotha, é coisa que contraria a razão, ainda a mais embryonaria, e mostra que a descrença, a par do seu lado tragico, tem tambem o seu lado ridiculo e insensato.

Não seria ridiculo ver o mais vil

dos reptis (a formiga por exemplo) revoltar-se contra o rei dos bosques (o leão)?

Não seria ridiculo presenciar o mais estúpido e sarrafaçal dos plebeus discutir com uns homens de reputação scientificamente firmada, procurando convencer-os da sua... ignorancia por meio da sua logica estropiada e desconnexa? Certamente que todos os espectadores de tão soberbo quadro esfregariam as palpebras, para se certificarem de que não estavam a sonhar, e brincar-lhes-ia nos labios um sorriso de commiseração pela desordem tão manifesta, que se notava na natureza das couzas.

Eis que o que me aconteceu, quando deparei com o aranzel da «Patria» contra a infalibilidade da Igreja Catholica.

Para a semana futura darei ao leitor algumas explicações justificativas. Vallega, 26—X—909.

Jospin.

HORAS D'OCIO

N.º 5

Carlos, José e Francisco, são tres caçadores, que ao mesmo tempo dispararam as espingardas sobre um bando de 54 passaros; matando 6 passaros o 1.º; o 2.º matou tantos como o 1.º; e

5 6
mais - de - do que elle; o 3.º
3 5
matou tantos como o 2.º, e mais
3 14
- de - do que elle.
7 9

Quantos mataram ao todo?

Resposta ao n.º 3:

A 17 leguas e meia

Figueira, 909

M. E.

De binoculo

Não leio a «Patria» como não leio o «Mundo» e a «Voz Publica» porque não sou freguez de taes mercadorias. Se leio o «Mundo» ou a «Voz Publica» (hoje defuncta) é só se elles me apparecem pela porta dentro a embrulhar umas botas que vem do sapateiro, ou a encapar qualquer embrulho mysterioso que nós temos vergonha de trazer debaixo do braço sem aquella convenção do papel.

Chega-se a casa desembulham-se as botas, desentocham-se o embrulho e os jornaes seguem o seu destino desempenhando o humanitario serviço da hygiene pessoal.

Então posso lêr, para aproveitar esses momentos criticos, qualquer d'esses farrapos republicanos, transformados em *guardanapos*.

O mesmo acontecia, sem eu mesmo n'isso pensar, a alguns numeros da «Patria» órgão do partido republicano vareiro. Não era por odio ou desprezo que a lia sómente em gabinete em habitos menores. Não era, não!

Se fosse eu não a iria lêr e relêr hoje de binoculo. Sairia dos meus habitos modestos, assitava-lhe monoculo, e estava tudo acabado.

Mas a «Patria» andou com sorte. Não a li com o olho de que nos falla o lyrico João de Deus.

Este João de Deus era impagavel. Pois o diacho do poeta não parece que escreveu para a nossa «Patria» estas coisinhas?

«O jornal que muitas vezes Diz coisas que mettem dó,

Leem-no muitos freguezes, Mas é só com um olho só.»

Ora eu li-a toda de fio a pavio, so-

bretudo nas tolices que encaixilhavam do Santo Martyr Ferrer. E li-a de binoculo, que é como quem diz, de largo e longe.

Vem divina a «Patria» de 21 d'outubro. Traz o Ferrer, santo e martyr, ao cachaço, assim como quem o traz n'um andôr, coberto de benções e lagrimas.

Pindarisada em prosa e verso, a alma de Ferrer (os ferreiros da Patria ainda acreditam em almas!) ha-de pairar sobre a Hespanha para a amparar e erguer.

São os ferreiros que o affirmam na segunda pagina da «Patria»: «de toda essa negra e ensanguentada malta, só fica alva e pura, immaculada e santa a alma do Martyr Ferrer que não sóbe ao ceu, apenas porque precisa pairar sobre os restos da velha Hespanha para a amparar e erguer.»

Ha-de amparar e erguer tanto a Hespanha, como a alma do Buissa amparou e ergueu o velho Portugal.

Mas principiemos pelo principio. O artigo de fundo, que deve trazer sempre doutrina sensata e rasoa-vel, é um artigo de fundo que precisa fundilhos. É um Hymnaya de prosa rimada, aquecida, batida e retorcida na incude do odio mais alvar e descabido.

O titulo da tal pyramide rimada não podia deixar de ser:

A' morte de Ferrer.

A principio pensei que fosse um necrelogio em alexandrinos; mas saiu-me uma enxurrada de palavrado por ahi além, uma especie de Hymno de maldição, maldição a tudo, maldição à luz, maldição às trevas, maldição ao bem, maldição ao mal:

«Maldita a tua igreja, ó Hespanha das touradas malditas os teus reis, torvas almas damnadas,

.....» e mais 112 carreirinhas de pontinhos eguais a esta que são outros tantos versos que occulto.

Depois da ladainha das maldições, termina assim o lyrico cantor do suave Martyr:

«Homicidas legaes, tremell ali não se usam torpidaes: sentenceta-se-vos o crime... Justiça eternal sem demora vem, redime!»

Seria um nunca acabar se pegassemos na pinça d'uma critica serena e justa e fossemos mecher em todo esse castello de cartas rimado. Nem ideias na concepção, nem brilho de arte na parte technica.

É assim um enxurro de *torpidades* (estou a embicar com estas *torpidades*) a escorrer pelos córregos da imaginação, após uma tempestade cerebral, suscitada pelo fusilamento do «heroe das pulcras Harmonias.»

É um verdadeiro *hymno* de maldição às «torvas almas danadas e aos chuês conventos que estripam o direito» feito pelo ferreiro mór da «Patria» afim de fulminar os «assassinos que são o asco das esferas.»

Ora, segundo o lyrico-ferreiro, as sotainas dos *chuês* conventos, reuniram-se em capitulo sob a presidencia de Maura-Layola e condemnaram S. Ferrer á morte.

(Continua)

Frei Lucas

Secção instructiva

HISTORIA DA GEOGRAPHIA

(Continuação)

Das mais notaveis foi Gade (Cadix) no territorio de Tartessus (Tarsus). Este nome serviu depois para designar o todo das colonias phenicias d'Oeste—os latinos o transformaram em Tarseium; depois *Turdetanus* ou *Turdestani*.

De Cadix estenderam-se para o sul até ás Canarias talvez, e para Oeste e

Norte pelas costas da Iberia, da Gallia, até ás ilhas Scilly (Soringas) visinhos da Grande Bretanha, a que chamaram Cassiteridos ou Ilha do estanho. Estas viagens phenicias fóra do Estreito são anteriores á guerra de Troia.

Para o Oriente continuaram seu trafico nos mares do Levante, onde suas primeiras excursões são de data desconhecida.

Mil annos antes da nossa era guardavam as frotas mandadas fazer por Salomão, e as suas; vão ao paiz d'Ophir buscar o ouro, a prata, os dentes de elephante, os macacões, os pavões, o sandalo, as pedras preciosas. Este ophir, segundo uns, ficava na Arabia (no Kaulan d'hoje) no paiz de Sabá, para o interior, communicando com o mar pela cidade de Muza, emporio do commercio do Mar Roxo (como lhe chamaram os portuguezes do seculo XV).

Os gregos lhe chamaram Saphar e os arabes Dhophar no Yemeu. Segundo outros Ophir seria a nossa Sofala, em cujas visinhanças se encontram ainda restos de minas de ouro exploradas e as ruinas de importante povoação.

O sandalo, que elles importavam é um producto da India, o que parece demonstrar que elles tinham relações com aquelles povos.

Parece que por ordem de Nekaen, rei do Egypto, uma frota tripulada por phenicios tentou uma viagem em torno da Africa, partindo do Mar Roxo para voltar pelo Estreito de Gades, no que, segundo Herodoto, que ouviu no Egypto esta tradição, teriam gasto trez annos. Este facto, porém, é duvidoso pela pouca impressão que causou e nenhuma memoria que deixou, parecendo mais um conto do que outra cousa, pois que 250 annos depois o proprio Eratosthenes não conhece da Africa senão até ao cabo de Guardafin.

O Mappa Mundi dos Phenicios, mais extenso que o de Sesostris e de Moyses, abrange quasi metade do mundo antigo. Os phenicios de Tarsis levaram as suas explorações para o Norte até ao Baltico; para o Sul até ao Cabo Verde.

Nem um só documento escripto resta dos Phenicios, o que d'elles se sabe encontra-se em fragmentos de escriptores hebreus e gregos.

Carthaginezes—Não desmereceram dos seus antepassados, os Phenicios. Carthago, fundada depois de Cadix e de Utica, trinta annos antes da queda de Troia, pelos Sidonios com o nome de Byrza, foi reconstruida depois por uma colonia Ayria com o nome de Kasthoda, por corrupção Grega Karkhegos, e Carthago pelos Romanos, que pelo odio que lhe consagraram concorreram para a destruição de todos os documentos, que d'ella podesse haver, da sua historia particular. Dos escriptos gregos e das tradições conservadas sabe-se que as relações dos carthaginezes com as tribus indigenas normandas (pastores), *Numidas* dos romanos, hoje *Berberes* (Kabilas) não eram amigaveis, mas as relações com aquelles concorreram para civilisal-os.

Des documentos carthaginezes por um acaso feliz escapou o chamado *Periplo de Hannon*, que foi auctor e narrador de uma das maiores emprezas dos tempos antigos.

Mandado pelo Senado a explorar e fundar colonias na costa de Africa do lado do Atlantico, saiu com 60 navios e 3:000 colonos, partiu de Gades, estabeleceu algumas colonias, de que nomeia sete ou oito, e correndo a costa chegou á ilha de Caruê tão distante do Estreito como este de Carthago, o que dá entre o Cabo Bojador e o Branco pelo 24º de latitude, nas visinhanças do Rio do Ouro, em cuja bahia ha um ilheo ainda hoje chama-

do *Hirné* (corrupção de Cirné?).

Hannon ainda seguiu mais adiante até um pouco ao Sul da Serra Leoa entre o 7º e 8º de latitude Norte; voltou por falta de mantimentos.

De sua extraordinaria viagem mandou o Senado gravar uma inscripção, contra o costume da republica, tal foi o entusiasmo que ella causou.

Pelo mesmo tempo Himilcou, segundo Plinio, e Arieno, que cita um livro escripto por aquelle navegante, seguiu as costas da Hespanha até ás Cassiteridas; d'ahi até Hibernia (Irlanda) proximo d'Albion (Gra Bretanha), fugindo sempre de penetrar no Oceano, e denominando o mar do Norte (Cronium mare dos romanos) um mar sem vento e carregado de neveiros. (Continua)

COMMUNICADOS

Sr. Redactor

Peço a v. me reserve um cantinho do seu conceituado jornal para lhe expôr o seguinte assombroso caso!:

Tendo-me sido escripta, de Guimaraes, uma carta no dia 20 d'este mez e tendo dado entrada na estação telegrapho-postal d'esta villa de Ovar no mesmo dia 20, á noite, como se vê do carimbo posto na rectguarda da mesma carta, só me foi esta entregue no Furadouro, no dia 26, meia aberta, tendo dito o distribuidor que entrega as cartas na dita praia, deante de duas testemunhas ter-lhe aquella sido entregue na respectiva estação telegraphica n'esse mesmo dia 26!

Por onde andaria essa carta? E' o que tratarão de averiguar as auctoridades respectivas a quem me vou dirigir. Faça v. os commentarios que julgar convenientes.

De v. etc.

Senna Lopes alferes

BOLETIM ELEGANTE

Retirou da praia do Furadouro com sua esposa, mana D. Margarida, sobrinha e prima D. Maria, o nosso presadissimo amigo, ex.º sr. Commendador Manoel Pereira Dias.

S. ex.ª deixou com recordação a sua bella vivenda «Villa Paraense» e nós vimol-o partir com saudade.

—A' capital recolheu depois de alguns dias de digressão pelo Norte do paiz a ex.ª sr. D. Thomazia Diniz, acompanhada de sua extremosa mana D. Maria da Silva e suas elegantes sobrinhas. Tenciona sua ex.ª visitar no proximo anno a nossa villa e a excellente praia do Furadouro, com o que muito nos congratulamos.

—Em Luzo, a uso de banhos encontra-se o nosso presado amigo e assignante sr. José Mathias da Luz na companhia de sua dedicada esposa e extreme-cida filha.

—Da Figueira da Foz retirou para Pombal com sua esposa o nosso particular amigo Joaquim Pessoa, intelligente pharmaceutico em Pombal.

Original

Do nosso valioso collaborador XX., temos de ha semanas em nosso poder um artigo sobre politica, que ainda hoje por falta de espaço não podemos publicar, do que pedimos desculpa. Não perde a oportunidade, bem como outros originaes que por cá demoram tambem á espera de vez.



TELHA DE OVAR

(4)

Os preços da telha d'esta fabrica actualmente, tanto na fabrica, como no caes da Ribeira, ou em wagon na Estação do caminho de ferro de Ovar, são:

1.^a 21\$000—2.^a 16\$000—3.^a 13\$500 reis

Isto sem desconto algum. Fabrica Largo do Martyr.

A sua resistencia eleva-se a mais de 100 kilos

Escolha feita a rigor



PROPRIETARIOS:

Peixoto, Ribeiro & C.^a

Uma visita á (2)
PHOTOGRAPHIA CARVALHO

R. do Passeio Alegre, 27 e 29

—* ESPINHO *—

Todos os trabalhos photographicos

Retratos em porcellana

Retratos coloridos a oleo, aguarella e pastel

Retratos em esmalte, semi-esmalte e marfim

Miniaturas a oleo para medalhas, e que

ha de mais moderno e artistico. Effeitos de

luz, novidades, etc., etc. Officina mechanica

de cartonagem photographica moderna.

Ampliações e reproduções de qualquer

retrato. Transformação de vestidos e penta-

dos.

Preços sem competencia

ESPINGARDAS DE CAÇA

(3) E TODOS OS APRESTOS

Esta antiga casa, tendo concluido as

grandes obras que fez nos seus depositos e

na sua loja, tomando-os mais vastos e mais

confortaveis, recebeu o seu importante sortido

de armas de caça, de todos os systemas e

dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo

para a Casa LINO, de sorte que em nenhuma

outra casa será possível encontrar uma

única espingarda igual ás que esta vende.

Chegou tambem o sortimento de

Cartuchos de caça e para tiro aos pom-

bos—Accessorios de caça e pesca

Prana «Sparklets»

Vibrador «Varno»

Sorveteiras

etc., etc., etc.

Casa Lino

40—Praça de D. Pedro—41

(4) Agua do Barreiro

Cura radicalmente a «anemia», a «chlorose», as «doenças de estomago» e «menstruações difíceis»

Deposito em OVAR: Viuva de SILVA CERVEIRA.

PAPEIS PARA FERRAR CASAS

(5) Das principaes fabricas estrangeiras, acaba de receber um variado e importante sortido ao deposito da fabrica de

Antonio Cardoso da Rocha

178—Rua de Santo Antonio—180

N'este deposito ha tambem grande variedade em papeis nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de couros, cartões para estuque, bonds, panneaux decorativos, etc., etc.

Vidraría S. Bento (6)

— de —

MANOEL ALVES BARBOSA

Praça Almeida Garrett, 20

—* PORTO *—

Especialidade em christaes, vidrarias diferentes, porcellanas, candieiros, louças estrangeiras e nacionaes e uma infinidade d'artigos pertencentes a este ramo.

Bagnetes, caixilhos, espelhos, etc

(8) **Histogeno Llopis** Unico medicamento a do ptado nos Dispensarios anti-tuberculosos, Sanatorios, Hospitais da Misericordia de Lisboa, Porto e Clinicas particulares para a cura da

Tuberculose Diabetes Anemia Neurasthenia

e doenças consumptivas em geral, que, abandonadas no seu principio, dão origem á tuberculose. O doente sente-se melhor com um frasco e curado tomando seis. Precaver «contra os productos similares» que na pratica tem demonstrado se alteram, produzindo effeitos contrarios e prejudiciaes á saude.

Peça-se sempre o HISTOGENO LLOPIS unico que cura, unico inalteravel.

Para a cura da DIABETES preparamos o Histogeno anti-diabetico, formula especial de resultados seguros na cura dos doentes submettidos ao tratamento

Formas do HISTOGENO LLOPIS: Histogeno liquido; Histogeno granulado; Histogeno anti-diabetico. Preço do HISTOGENO: Frasco grande 1\$000 reis; frasco pequeno, gratis aos pobres dos Dispensarios.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Representante geral em Portugal a Medicinal Drogaria, de Antonio Cerqueira da Motta e C.^a, successor de Santos Caria e Sobrinhos, rua Mousinho da Silveira 115, Porto. Em Lisboa C. Mabony do Amaral, rua de El-rei, 73 2.^o

(9) ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E DEPOSITO DE GARRAFÕES

MARQUES & ARAUJO

— LIMITADA —

— Vendas por junto e a retalho. —

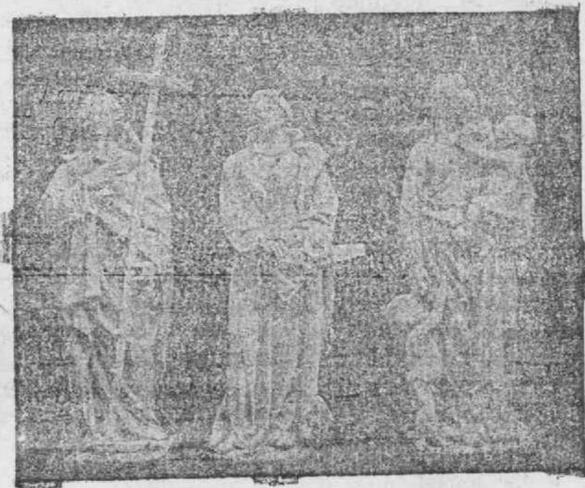
Rua de S. João n.ºs 44 a 45—PORTO (Telephone n.º 616)

(10) DENTISTA MECHANICO

Candido Henriques da Silya

Executa todos os trabalhos de Proteze dentaria, colloca dentes desde 1\$000 a 3\$500 reis cada sem o incommodo da peça vulcanisada. Trabalhos garantidos e perfectos.

Ovar, Largo dos Campos, Ovar



AZULEJOS

José Pereira Valente, Filhos

RUA D. LEONOR N.ºs 114 A 134
—VILLA NOVA DE GAYA—

DEVEZAS



Telephone, 279

Endereço telegraphico «Azulejos»

Louça para uso domestico em faiança e pó de pedra. Artigos de saneamento e decorativo.

Fabrico especial em azulejo fino a rivalizar com o melhor estrangeiro

Não confundir com a fabrica ceramica do mesmo logar. Cuidado, pois.

Preços os mais convidativos (7)